

CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO / ARTIGO DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA

Marlúcia Moraes Santos – Roteiro de atividades original – **versão final**

Tutora: Débora Borges Lima – Grupo: 5

TEXTO GERADOR I

Aluísio de Azevedo é a principal expressão da prosa naturalista no Brasil. “O Cortiço” narra a vida de um grupo de pessoas que habita o cortiço que pertence ao português João Romão. O cortiço é palco dos mais variados tipos humanos: trabalhadores, prostitutas, malandros, lavadeiras, homossexuais, etc. Você vai ler, a seguir, um fragmento de O Cortiço em que se destaca a personagem Libório, uma figura miserável e solitária que, apesar de guardar muito dinheiro embaixo do colchão, vive como mendigo.

(...)

“Defronte da porta de Rita tinham vindo postar-se diversos moradores do cortiço, jornaleiros de baixo salário, pobre gente miserável, que mal podia matar a fome com o que ganhava. Ainda assim não havia entre eles um só triste. A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi aceita alegremente.

E a casa dela nunca se esvaziava.

Anoitecia já.

O velho Libório, que jamais ninguém sabia ao certo onde almoçava ou jantava, surgiu do seu buraco, que nem jabuti quando vê chuva.

Um tipão, o velho Libório! Ocupava o pior canto do cortiço e andava sempre a fariscar os sobejos alheios, filando aqui, filando ali, pedindo a um e a outro, como um mendigo, chorando misérias eternamente, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, cachimbo que o sumítico roubara de um pobre cego decrépito. Na estalagem diziam, todavia que Libório tinha dinheiro aferrolhado, contra o que ele protestava ressentido, jurando a sua extrema penaria. E era tão feroz o demônio naquela fome de cão sem dono, que as mães recomendavam às suas crianças todo o cuidado com ele, porque o diabo do velho, quando via algum pequeno desacompanhado, punha-se logo a rondá-lo, a cercá-lo de festas e a fazer-lhe ratices para o engabelar, até conseguir furtar-lhe o doce ou o vintenzinho que o pobrezito trazia fechado na mão.

Rita fê-lo entrar e deu-lhe de comer e de beber; mas sob condição de que o esfomeado não se socasse demais, para não rebentar ali mesmo.

Se queria estourar, fosse estourar para longe!

Ele pôs-se logo a devorar, sofregamente, olhando inquieto para os lados, como se temesse que alguém lhe roubasse a comida da boca. Engolia sem mastigar, empurrando os bocados com os dedos, agarrando-se ao prato e escondendo nas algibeiras o que não podia de uma só vez meter para dentro do corpo.

Causava terror aquela sua implacável mandíbula, assanhada e devoradora; aquele enorme queixo, ávido, ossudo e sem um dente, que parecia ir engolir tudo, tudo, principiando pela própria cara, desde a imensa batata vermelha que ameaçava já entrar-lhe na boca, até as duas bochechinhas engelhadas, os olhos, as orelhas, a cabeça inteira, inclusive a sua grande calva, lisa como um queijo e guarnecida em redor por uns pelos puídos e ralos como farripas de coco.

Firmo propôs embebedá-lo, só para ver a sorte que ele daria. O Alexandre e a mulher opuseram-se, mas rindo muito; nem se podia deixar de rir, apesar do espanto, vendo aquele resto de gente, aquele esqueleto velho, coberto por uma pele seca, a devorar, a devorar sem tréguas, como se quisesse fazer provisão para uma outra vida.

De repente, um pedaço de carne, grande demais para ser ingerido de uma vez, engasgou-o seriamente. Libório começou a tossir, aflito, com os olhos sumidos, a cara tingida de uma vermelhidão apoplética. A Leocádia, que era quem lhe ficava mais perto, soltou-lhe um murro nas costas.

O glutão arremessou sobre a toalha da mesa o bocado de carne já meio triturado. Foi um nojo geral.

- Porco! gritou Rita, arredando-se.

- Pois se o bruto quer socar tudo ao mesmo tempo! disse Porfiro. Parece que nunca viu comida, este animal!

E notando que ele continuava ainda mais sôfrego por ter perdido um instante:

- Espere um pouco, lobo! Que diabo! A comida não foge! Há muito aí com que te fartares por uma vez! Com efeito!”

(...)

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II

Antepassados não tão distantes. Os chimpanzés sofrem quando perdem a mãe ou um amigo

Quando Darwin afirmou, no século 19, que somos descendentes de macacos, que temos mais a ver com criaturas peludas e barulhentas com rabos longos e dentes afiados do que com anjos celestes, os vitorianos ficaram ultrajados. Por 3.000 anos, a história que vinha sendo contada era diferente. Seríamos criação de Deus, quase tão perfeitos quanto ele. Não fosse a ousadia de Adão e Eva, estaríamos até agora passeando nus pelo Jardim do Éden, sem sabermos da existência do pecado original.

Muita gente ainda se ofende com a insistência dos cientistas em nos chamarem de macacos evoluídos. Mas deveríamos nos orgulhar de nossos antepassados, que encontraram meios de sobreviver em um ambiente austero e cheio de predadores.

Há 30 milhões de anos, babuínos, chimpanzés e humanos eram indiferenciáveis. Desde então, variações genéticas submetidas à pressão da seleção natural foram criando as diferenças que resultaram nos três primatas.

Babuínos mostram uma grande sofisticação social, vivendo em grupos de aproximadamente 150 indivíduos que reúnem em torno de oito famílias. Pesquisadores como Dorothy Cheney e Robert Seyfarth, que passam longos períodos nas florestas de Botsuana, verificaram que babuínos, especialmente as fêmeas, desenvolvem fortes alianças familiares, defendendo membros da família em caso de desavenças com outros babuínos ou em ataques de predadores.

Para tal, os primatas desenvolveram meios de identificar seus parentes visualmente e por meio de vocalizações. Não há dúvida de que o agrupamento dos babuínos exibe traços que podemos identificar na nossa sociedade. Quantas famílias têm um assobio especial que usam quando estão em lugares muito cheios?

Mas nossos parentes mais próximos são os chimpanzés, com quem dividimos 98,4% dos nossos genes. Jane Goodall, a pesquisadora inglesa que revelou ao mundo a sofisticação dos nossos primos, passou anos nas florestas da Tanzânia observando seu comportamento.

Diferentemente dos babuínos, a característica mais marcante dos chimpanzés não é o agrupamento, mas a sofisticação de seu comportamento. Chimpanzés estão entre os poucos animais que usam ferramentas para efetuar tarefas. Cortam galhos longos para "pescar" formigas e cupins em troncos e cupinzeiros.

Como os babuínos, caçam em grupos e defendem seu território em ferozes guerras tribais. Como os humanos, sofrem quando perdem a mãe, o pai ou um irmão, ou quando um companheiro de longa data morre. Esses achados tornam difícil distinguir se somos um pouco macacos ou se os macacos são um pouco humanos. Certamente, eles nos remetem às nossas origens evolucionárias.

Recentemente, um experimento na Universidade de Kyoto, no Japão, comparou a memória dos chimpanzés com a dos humanos. Sequências de cinco números de um a nove foram mostradas a estudantes e chimpanzés por frações de segundo na tela de um computador. Após 650 milésimos de segundo, os números do monitor viravam quadrados brancos. O teste envolvia tocar os quadrados em ordem numérica crescente.

Tanto os estudantes quanto o chimpanzé acertaram 80% das vezes. Quando o intervalo baixou para 210 milissegundos, os humanos acertaram 40% das vezes e o chimpanzé 80%. Perdemos para um macaco. "Talvez", disse um dos pesquisadores, "nossa habilidade para contar atrapalhe". No mínimo, o experimento mostra que nossos primos são bem menos distantes do que pensamos.

MARCELO GLEISER (Folha de S. Paulo, 25/5/2008)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

Nesse texto, o autor aborda um tema bastante debatido nos meios científicos: **A teoria da evolução do homem, de Darwin**. Sabendo-se que tese é aquilo que o autor deseja apresentar e convencer o leitor através de sua argumentação, qual é a tese defendida pelo autor e com quais argumentos ele a fundamenta?

Habilidade trabalhada: - Diferenciar tese, argumentos e contra-argumentos para a estruturação e defesa do ponto de vista.

Resposta comentada: Ao abordar o tema da teoria da evolução do homem, de Darwin, o autor defende a tese de que é o homem é descendente do macaco e, para fundamentá-la, busca argumentos em dados de pesquisas realizadas nas florestas de Botsuana com babuínos, as da Tanzânia com chimpanzés e um experimento na Universidade de Kyoto as quais comparam comportamentos humanos com os de macacos, como por exemplo: os babuínos mostram uma grande sofisticação social e desenvolvem fortes alianças familiares, defendendo membros da família em caso de desavenças com outros babuínos ou em ataques de predadores (como os humanos), como também exibem traços que podem ser identificados em nossa sociedade, ou sofrem quando perdem um ente querido e fazem uso da memória, assim como os humanos.

[TRECHO REMOVIDO]

Referências:

<http://www.infoescola.com/literatura/naturalismo/>

<http://o-cortico-2-ano-tarde.blogspot.com.br/2011/11/contexto-historico.html>

<http://www.spectroeditora.com.br/fonjic/aluisio/cortico/07.php>

<http://vestibular.uol.com.br/ultnot/resumos/coesao-textual.jhtm>

<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/221383>

<http://www.colegioweb.com.br/literatura/caracteristica-do-realismo-naturalismo.html>

<http://tondinho.blogspot.com.br/2010/11/conectores-discursivos.html>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Conector_\(gram%C3%A1tica\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conector_(gram%C3%A1tica))

Português Linguagens: volume 3 / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7.ed. reform, - São Paulo: saraiva, 2010.

Registro dos resultados pedagógicos decorrentes da implementação do Roteiro de Atividades: Como relatei no “Fórum Problemas e Sucessos” as atividades foram produtivas. Trabalhamos as questões de interpretação, que para mim são imprescindíveis, como também aprofundamos nas atividades de uso da língua. Os resultados foram positivos, visto que com a leitura tudo fica mais fácil. Revisei com eles questões gramaticais presentes no RA e outras que sempre aparecem no decorrer das aulas. Conteí também com a ajuda de meus colegas do grupo que com suas sugestões me auxiliaram bastante na prática da sala de aula. Percebi que com todo esse trabalho os meninos se interessaram mais, participaram mais e conseqüentemente o rendimento nas avaliações foi satisfatório.